



TAXIDERMIA EM AVES SILVESTRES PARA EXPOSIÇÃO EM MUSEU VETERINÁRIO COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Raquel Furtado ROSA¹; Jéssica Ribeiro ALENCAR²; Gabriela Alves de BELO³; Virginia Geovana de Oliveira AMARAL⁴; Diana Cuglovici Abrão⁵.

RESUMO

Este estudo visou realizar uma revisão integrativa sobre o tema "Educação Ambiental com aves silvestres", uma vez que o Brasil possui o maior número de aves ameaçadas de extinção no mundo. Os artigos foram selecionados em cinco bases de dados no período compreendido entre 1993 e 2021. Foram encontrados 439 artigos, sendo 25 destes utilizados nesta revisão. A taxidermia como ferramenta de educação ambiental pode combater o tráfico de animais e estimular a conservação de aves, incluindo as que se ferem nas cidades e que podem vir a ter a assistência adequada. A taxidermia consiste em preparar a pele dos animais mantendo as características de comportamento, expressão e conformidade do animal, podendo ser feita apenas em casos de morte natural e acidental após a liberação por autoridades legais. Foi possível analisar resultados positivos, comprovando a eficácia do uso de animais taxidermizados para sensibilização e consolidação da educação ambiental.

Palavras-chave:

Técnicas de taxidermia; Recurso Didático; Conservação; Ameaça; Avifauna.

1. INTRODUÇÃO

Segundo o Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2015), a avifauna brasileira possui 1.919 espécies de um total de 10.426 espécies no mundo. Contudo, o Brasil possui o maior número de aves ameaçadas de extinção no mundo (DEL HOYO; COLLAR, 2014), e a maior ameaça é a perda de habitat e o tráfico (que afeta a vida do indivíduo e da cadeia ecológica). No Brasil as aves são cobiçadas no comércio ilegal, tanto interno quanto externo e o tráfico de animais silvestres é o terceiro maior do mundo (ABDALLA, 2007), causando declínio populacional e ameaça de extinção (PIMENTEL; SANTOS, 2009). Somado a isto, o Brasil dispõe de mais de 50 mil quilômetros de rodovias federais e o aumento dessas estradas provocam perda de cobertura florestal nativa e atropelamentos de aves (VAN DER REE et al., 2015). Existe um aplicativo que notifica tais ocorrências, o “Sistema Urubu”. Segundo seus dados de 2021, 56% dos atropelamentos ocorridos e a notificação de 1744 casos de aves atropeladas aconteceram na região sudeste do Brasil. A divisão

¹Discente do Curso Bacharelado em Medicina Veterinária, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: 12202001506@muz.ifsuldeminas.edu.br

²Discente do Curso Bacharelado em Medicina Veterinária, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: 12152000110@muz.ifsuldeminas.edu.br

³Discente do Curso Bacharelado em Medicina Veterinária, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: 12202001455@muz.ifsuldeminas.edu.br

⁴Discente do Curso Bacharelado em Medicina Veterinária, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: 12202001452@muz.ifsuldeminas.edu.br

⁵Orientador, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: diana.abrao@muz.ifsuldeminas.edu.br

dos ecossistemas pelas rodovias restringe, ainda, a dispersão e o fluxo gênico das espécies (SKARPHEDINSDOTTIR et al., 2010). Conforme Marini e Garcia (2005), o Cerrado possui 830 espécies registradas e é o terceiro bioma com maior diversidade de aves no Brasil, todavia é vice em número de espécies ameaçadas (4,3%) e endêmicas ameaçadas (11,8%) devido à grande perda de sua vegetação original para a agropecuária, especialmente devido às queimadas. A educação ambiental pode combater o tráfico de animais e estimular a conservação de aves, incluindo as que se ferem nas cidades e que podem vir a ter a assistência adequada. Ainda para prevenir a caça desses animais, a educação ambiental deve começar na infância (BEZERRA 2012). Segundo Miranda (2008 apud VERDELONE; CAMPBELL; ALEXANDRINO, 2019), o desenvolvimento da educação ambiental é melhor na educação básica, pois as crianças são mais complacentes à sensibilização acerca dos animais ali expostos (GOMES, 2013). Piletti (1993) afirma que experiências diretas proporcionam aprendizado perene, pois a absorção de informações ocorre pelos sentidos, sendo eficaz o uso de animais taxidermizados como instrumento de ensino para pessoas cegas ou com baixa visão (ROCHA, 2012). A taxidermia consiste em preparar a pele dos animais mantendo as características de comportamento, expressão e conformidade do animal, podendo ser feita apenas em casos de morte natural e acidental após a liberação por autoridades legais (PONTES, 2001).

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo visou realizar uma revisão integrativa sobre o tema “Educação Ambiental com aves silvestres” de maneira sistemática, ordenada e abrangente. Os critérios de inclusão estabelecidos foram artigos publicados em português e inglês, com seus resumos disponíveis nas bases de dados selecionadas, no período compreendido entre 1993-2021. Para a seleção dos artigos utilizou-se cinco bases de dados Google Acadêmico, Scielo, Science Direct SpringerLink, Open Library e Google Books nas quais as palavras-chave “Museus escolares”, “Educação Ambiental”, “técnicas de taxidermia”, “recurso didático”, “conservação”, e seus equivalentes em inglês foram pesquisadas gerando 439 artigos, dos quais 25 se enquadram no objeto de pesquisa e, portanto, foram utilizados para esta revisão integrativa. As informações extraídas dos estudos selecionados foram categorizadas, seus resultados interpretados e apresentados em formato de texto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na presente revisão integrativa foram analisados 25 artigos que atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos na metodologia. Dentre os artigos incluídos na revisão integrativa, um artigo pertencente a Rocha (2012) aborda a percepção dos docentes acerca dos animais taxidermizados. Nele, o autor expandiu a capacidade educativa da taxidermia à níveis mais

sensíveis, e obteve resultados positivos, exercendo um trabalho de inclusão com pessoas cegas e de baixa visão do Instituto de Cegos de Brasil Central (ICBC), por meio de um curso de extensão para cinco docentes desta instituição, denominado “Questões ambientais: da teoria à prática”. Assim, Rocha (2012) concluiu que o uso dos animais taxidermizados permite às pessoas, por meio do tato, sentirem as peculiaridades dos animais em escala real, formando uma imagem mental desses animais. Outro artigo (MOREIRA et al., 2014) abordou a percepção dos discentes frente aos animais taxidermizados como ferramenta de educação ambiental. Por meio de um questionário com 14 questões, aplicado para 217 alunos após exposição destes animais, o autor verificou que a maioria dos alunos considerou a taxidermia uma ferramenta importante, lúdica e chamativa. Três artigos abordaram a experiência de zoológicos e museus brasileiros com animais taxidermizados para fins de educação ambiental: O zoológico de Fortaleza e o Museu Emílio Goeldi, além de utilizarem os animais taxidermizados na própria instituição, emprestam os espécimes para docentes os utilizarem na sala de aula e em feira de ciências, aumentando o alcance do ensino (DE OLIVEIRA COSTA, 2004). O zoológico de Curitiba possui um projeto denominado “Zoo vai à escola”, que permite através de animais taxidermizados e especialistas da área que a fauna brasileira e principais ecossistemas mundiais sejam explicados. O Museu de Zoologia Prof^a Morgana Cirimbelli Gaidzinski - Muesc/Unesc utilizou 41 pinguins taxidermizados desde o ano de 2006 para educação ambiental. O acervo foi visitado por 68.040 alunos e professores das redes de ensino, estimulando o respeito à diversidade, concretizando os conhecimentos adquiridos em sala de aula, fortalecendo assim os laços do homem com a natureza (PEZENTE, 2011). Ainda, no artigo de Moreira et al. (2014), os autores afirmam que a educação ambiental feita por intermédio de animais taxidermizados alcança um público que comumente não tem contato com os animais ali expostos, promovendo assim uma visão integrativa do meio ambiente, além de contribuir para um desenvolvimento sustentável. O trabalho foi desenvolvido no sul de Santa Catarina numa escola estadual de educação básica e foram usados 36 espécimes de 26 espécies, resultando ainda, em 11 trabalhos científicos publicados.

5. CONCLUSÃO

A ação antrópica vem prejudicando diversas espécies da avifauna, e a educação ambiental, principalmente na educação básica, se torna a principal ferramenta para conscientização e sensibilização das pessoas de forma a incentivar a conservação das espécies. Tal qual, vale apontar as técnicas de taxidermia como aliada a educação ambiental, considerando estas como ferramentas para promover aprendizado perene, uma vez que este é adquirido plenamente através dos sentidos. Valida-se assim, a exposição de aves taxidermizadas em museus, representadas em seu habitat natural, bem como forma de promover a conservação não só da avifauna, mas de todo seu

ecossistema.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Annelise Varanda Dante. A proteção da fauna e o tráfico de animais silvestres. **Piracicabana, São Paulo, Brasil, 2007.**

Atropelamento de fauna no Brasil. **Sistema Urubu**. 2021. Disponível em <<https://sistemaurubu.com.br/>> Acesso em: 18/05/2021.

COSTA, Ronaldo Gonçalves de Andrade. Observação de aves como ferramenta didática para Educação Ambiental. 2007.

DE OLIVEIRA COSTA, Grasiely. Educação ambiental-experiências dos zoológicos brasileiros. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 13, 2004.

DEL HOYO, J.; COLLAR, J. **Handbook of the birds of the World and BirdLife International Illustrated Checklist of the Birds of the World**. Vol. 1, p. 748–787. Barcelona: Lynx Edicions. 2014.

GOMES, Ismael Dagostin. **Taxidermia e educação ambiental: uma proposta sul catarinense para a conservação da biodiversidade**. 2013.

MARINI, Miguel Angelo; GARCIA, Frederico Innecco. Conservação de aves no Brasil. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 95-102, 2005.

MOREIRA, R. P. G. et al. **Animais Taxidermizados como Ferramenta de Educação Ambiental: Uma Percepção de Alunos de Ensino Básico da Região Metropolitana da Grande Vitória, ES**, 2014.

PEZENTE, Mariane Trichês. OFICINAS PEDAGÓGICAS REALIZADAS POR GRUPOS DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Revista Técnico-Científica do IFSC**, p. 195-195, 2011.

PILETTI, C. Didática Geral. (p. 258). São Paulo: Ática, 1993. PIMENTEL, P. C. B.; SANTOS, J. M. Diagnóstico do tráfico de animais silvestres no estado da Bahia: identificação, quantificação e caracterização das espécies-alvo. *Revista Diálogo & Ciência (Online)*, v. 3, n. 8, 2009.

PONTES, José Lélis e LOPES, José Demerval Saraiva. **“Taxidermia: Empalhamento de Aves e Mamíferos”**. Viçosa, CPT, 2001, 84 p.

ROCHA, Eduardo Venâncio et al. Educação ambiental com o auxílio de animais taxidermizados do bioma cerrado: formação continuada de professores que trabalham com pessoas cegas e de baixa visão. 2012.

SKARPHEDINSDOTTIR, Halldora et al. Bioaccumulation and biomagnification of organochlorines in a marine food web at a pristine site in Iceland. **Archives of environmental contamination and toxicology**, v. 58, p. 800-809, 2010

VAN DER REE, Rodney; SMITH, Daniel J.; GRILO, Clara. **Handbook of road ecology**. John Wiley & Sons, 2015.

VERDELONE, Telma Helena; CAMPBELL, Glaziele; ALEXANDRINO, Camilla Ribeiro. Trabalhando educação ambiental com turmas do ensino fundamental I. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 6, p. 4675-4687, 2019.